

BÜZZ

© 2019 Buzz Editora

© 2018 Jessica Honegger
Título original *Imperfect Courage*

Tradução publicada mediante acordo com WaterBrook, um selo da Crown Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Publisher ANDERSON CAVALCANTE
Editora SIMONE PAULINO
Editora assistente LUISA TIEPPO
Tradução ELISA NAZARIAN
Preparação CAROLINA DONADIO
Projeto gráfico ESTÚDIO GRIFO
Assistentes de design NATHALIA NAVARRO, FELIPE REGIS
Revisão ELENA JUDENSNAIDER

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

H772p
Honegger, Jessica
O poder de ser imperfeita: Jessica Honegger
São Paulo: Buzz, 2019.
240 pp.

ISBN 978-65-80435-21-0

1. Autoajuda. 2. Mulheres. 3. Trabalho. 4. Profissão.
5. Empoderamento I. Nazarian, Elisa. II. Título.

2019-1345 CDD 158.1
CDU 159.947

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Autoajuda 158.1 2. Autoajuda 159.947

Todos os direitos reservados à:
Buzz Editora Ltda.
Av. Paulista, 726 – mezanino
CEP: 01310-100 – São Paulo, SP
[55 11] 4171 2317
[55 11] 4171 2318
contato@buzzeditora.com.br
www.buzzeditora.com.br

Está sentindo medo? Vai com medo mesmo.

O PODER DE SER IMPERFEITA

JESSICA HONEGGER

Tradução ELZA NAZARIAN

ELOGIOS A *O PODER DE SER IMPERFEITA*

“Às vezes, uma necessidade desesperada cria uma oportunidade para transformação do mundo. A história de Jessica fornece uma tapeçaria maravilhosamente imperfeita para entender como a renúncia e a coragem podem se apresentar, quando uma necessidade inesperada testa a nossa fé. Ela demonstra que enfrentar nossa história pode levar à construção de um caminho que mude a história de outra pessoa. Ensina como controlar seu medo e transformá-lo em uma coragem que mudará o mundo.”

LATASHA MORRISON

fundadora e presidente do Be the Bridge.

“Escolha um motivo para ler este livro: você se importa com o mundo, é uma empreendedora, adora moda, adora mulheres, tem grandes ideias, tem uma perspectiva global, é uma criadora, uma sonhadora, uma visionária, uma texana (o Texas está muito presente na história de Jessica). *O poder de ser imperfeita* é combustível para tudo isso. É tão generoso e aventureiro quanto Jessica, que é a maior líder, criadora e amiga que já conheci.”

JEN HATMAKER

autora *best-seller* de *Ame mais, julgue menos*
e apresentadora do *podcast For the Love*.

“Jessica é um exemplo incrível de como deveria ser uma líder empresarial. Não apenas por ter tido a coragem de criar uma companhia do nada, mas por ter aberto caminho para o sucesso e, em seguida, se voltado, com uma lanterna, para iluminar o caminho para o restante de nós. Este livro é fundamental para qualquer pessoa que esteja em busca de grandes sonhos em um caminho que pareça instável!”

RACHEL HOLLIS

autora *best-seller* do *New York Times*,
de *Garota, pare de mentir para você mesma*.

“Como CEO da Noonday Collection, a falta de pretensão de Jessica e o seu compromisso com a transparência conquistaram a confiança tanto de artesãos quanto de consumidores. Ela age do mesmo jeito em *O poder de ser imperfeita*; cada capítulo parece um convite pessoal para acompanhá-la narrar lembranças de sua paixão contagiante pelo uso do empreendedorismo para empoderar mulheres em todo o mundo. Sua profunda convicção na igualdade e na justiça é contagiante e mudará a vida de muitas pessoas.”

MICA MAY

fundadora e CEO da May Designs.

“Jessica Honegger conquistará você com sua aventura na formação de uma empresa que está moldando e mudando o mundo. Você vai se ver chorando, rindo e se perguntando por que se resguardou tanto na vida. Ela faz com que você queira arriscar tudo pelo bem das pessoas e do mundo, porque isso não só dá um significado maior à vida como a torna mais divertida!”

JENNIE ALLEN

autora de *Nothing to Prove* e fundadora
e visionária de IF: Gathering.

“Jessica me leva a pensar muito além das minhas duas mãos. Seu coração e sua tenacidade me inspiram como empreendedora, assim como seu compromisso em contatar, empoderar e inspirar mulheres em todo o mundo!”

EMILY LEY

fundadora da Simplified e autora *best-seller*
de *Grace, Not Perfection* e *A Simplified Life*.

“Este livro é o mapa da sua trajetória na descoberta e perseguição do seu grande sonho. Jessica ensina a todos nós como ultrapassar as mentiras que nos impedem de viver nosso potencial no mundo. Como *O poder de ser imperfeita* mostra, quanto mais cada um de nós amplia seu círculo de compaixão e abarca todo o globo, mais rápido o amor de Deus chega em cada canto do mundo.”

AMY BROWN

co-apresentadora do *The Bobby Bones Show*.

“Neste livro encantador, Jessica expõe a trajetória acidentada para iniciar a Noonday Collection, o que aprendeu ao longo do caminho e como se aprimorou por causa das pessoas que conheceu. Estou muito animada para que você leia essa história, não apenas para que conheça mais a Jessica e a Noonday, mas porque, assim, você se conhecerá mais e perceberá como também pode fazer coisas importantes, mesmo com medo.”

JAMIE IVEY

autora de *If You Only Knew* e apresentadora do podcast *The Happy Hour with Jamie Ivey*.

“A trajetória de Jessica Honegger é uma inspiração não apenas para empreendedores e líderes executivos, mas para qualquer um que esteja em busca dos sonhos que Deus colocou em seu coração. *O poder de ser imperfeita* é a prova viva de que a moda pode desempenhar um papel importante na mudança do mundo e de que os negócios podem ser uma força incrível para o bem. O mundo precisa de mais empresas como a Noonday Collection e de líderes de ambição mais consciente, como Jessica Honegger.”

MEGAN TAMTE

fundadora e co-CEO da Evereve.

*Para Joe, que certa vez me fez
uma promessa que mudou o mundo.*

INTRODUÇÃO

Dê uma chance, 15

PARTE 1 O PRIMEIRO PASSO

1. Escolha coragem, 26
2. Levante-se, 35
3. Assuma sua história, 52
4. Faça-se valer, 75

PARTE 2 JUNTAS É MELHOR

5. Aceite a vulnerabilidade, 96
6. Crie espaços solidários, 108
7. Descubra o efeito da sororidade, 129
8. Invista na colaboração, 147

PARTE 3 UM MUNDO DIFERENTE

9. Amplie seu círculo, 166
10. Potencialize seu poder, 182
11. Pare de tentar, 203
12. Construa um mundo próspero, 220

Agradecimentos, 234

Notas, 238

*O caminho para o sucesso é contínuo,
e a experiência de caminhar por ele é marcada
por confiança e clareza.
Ninguém, nunca*

INTRODUÇÃO

DÊ UMA CHANCE

“Dinheiro vivo é tudo quando se tem um negócio”, meu pai, empresário, sempre gostava de dizer, e aqui estou eu, em frente a um balcão de uma loja de penhores, em Austin, pondo em prática essa verdade. Depois de visitar várias lojas de penhores, escolhi a menos promissora, agarrada a um punhado de preciosas joias de ouro que minha mãe e minha avó haviam me dado ao longo dos anos: minha cruz de crisma, meu anel do 16º aniversário e meu colar da formatura do Ensino Médio, e me preparei para vender tudo aquilo para manter vivo o sonho da minha empresa caseira, Noonday Collection. Esta cena não combinava com as festas de debutantes luxuosas e privilegiadas da minha juventude, mas tempos de desespero pedem medidas desesperadas. Ao que parecia, eu estava desesperada pela loja de penhores.

Baseada na conversa que se desenrolava entre mim e o homem atrás do balcão, eu sabia que estava sendo enganada. Mas é isso que acontece quando você está necessitada e com pressa; você aceita impulsivamente a primeira oferta semirrazoável que aparece. “Negócio fechado”, eu disse ao sujeito. “Novecentos por tudo.”

Saí da loja de penhores me sentindo vitoriosa, mesmo com as dúvidas arranhando o fundo da minha mente. Será que, mais tarde, eu não me arrependeria dessa decisão de me separar para sempre dos bens da minha família? Na melhor das hipóteses, o *site* da Noonday era rudimentar, e eu sabia que precisava investir mais do que o

valor insignificante que meu amigo Joel tinha sido generoso em cobrar, para fazer com que um *site* mais robusto decolasse. Eu precisava de um *site de verdade*, e, como diz o ditado, “É preciso dinheiro para ganhar dinheiro”, eu precisava que esse capital crescesse para tornar meu negócio *real*.

Um espírito de empreendedorismo corria nas minhas veias desde que eu tinha idade suficiente para comercializar, com lucro, minhas bandanas-tiaras com estampa de banana, feitas em casa. Ainda que estivesse apavorada de adentrar o desconhecido, eu era uma mulher com uma missão: criar um negócio e trazer para casa um garotinho de olhos vivos chamado Jack.

Antes de lançar a Noonday, em 2010, meu marido e eu tínhamos dois filhos: uma menina, Amelie, e um menino, Holden, mas estávamos pensando em aumentar a família por meio da adoção.

Tínhamos nos conhecido e nos apaixonado anos antes, durante um programa de treinamento da Food for the Hungry, uma organização de assistência e desenvolvimento voltada para as pessoas mais vulneráveis do mundo. Logo, percebemos que a coisa que fazia nossos corações bater mais forte era associar-se com aqueles que viviam na pobreza material onde, em geral, havia grande injustiça. Um ano depois de nos conhecermos, Joe me pediu em casamento em um píer instável, sobre o lago Atitlán, na Guatemala, onde vivíamos na época.

Desde então, voltei a essa cidade maravilhosa várias vezes, para visitar parceiros artesãos, e todas as vezes pensei naqueles primeiros dias de casada, quando só estávamos começando a sonhar com como construir juntos uma vida de impacto.

Depois de casados, Joe e eu nos adaptamos à nova vida, sempre com a intenção de voltar a viver no exterior. Mas então nossos dois pequenos chegaram, bem como nosso negócio de recuperação e

comercialização de casas em Austin. Nós comprávamos, reformávamos, redecorávamos e catalogávamos todas as residências que podíamos, e embora gostássemos do desafio empresarial do mundo imobiliário, ainda tínhamos aqueles dias no Food for the Hungry guardados no coração. Em muitas ocasiões, olhávamos uma para o outro, depois de mais uma discussão sobre telha-versus-concreto, e balançávamos a cabeça. Uma vida com propósito estaria reservada apenas a solteiros idealistas na faixa dos vinte, ou ela também se destinava a restauradores de casa com uma família em expansão?

Joe e eu fazíamos muitas viagens internacionais para visitar amigos, organizações sem fins lucrativos e para continuar aprendendo sobre soluções sustentáveis que visassem ao alívio da pobreza. Essas viagens também serviam para manter sob controle nossa percepção do ilusório *American Dream* – e para nos lembrar que, para a maior parte do mundo, a vida era muito diferente. Em uma dessas viagens, segurei nos braços, pela primeira vez desde que me tornara mãe, uma criança órfã pela crise do HIV. Foi então que senti um palpitar no coração que me disse que acabaríamos aumentando a nossa família por meio da adoção.

Depois de discutir com Joe a possibilidade da adoção internacional e de perceber que nossos corações estavam em sintonia, começamos a nos preparar para o que esse próximo grande passo poderia trazer para nós. Foi nesse estágio de preparação que planejamos uma viagem a Uganda, para visitar amigos. Um dos casais que visitamos nessa viagem eram Bobby e Downie Mickler, que havia se mudado do Texas para Uganda esperando criar oportunidades empresariais para pessoas que viviam ali precisando de trabalho. Munidos de pecãs do Texas, fizemos a eles uma visita, levando-lhes um gostinho de casa.

Numa tarde de domingo, Joe e eu nos sentamos na varanda deles, enquanto Bobby explicava como andava o seu trabalho. Alguns dos negócios que ele tinha ajudado a criar eram pequenos – o homem que começou um serviço completo de encanamento a partir

da sua bicicleta, por exemplo – enquanto outros eram grandes, tal como a criação de um sistema inovador de repelente contra mosquitos em *spray*, que os maiores hotéis da região estavam usando. Conforme Bobby prosseguiu, falando sobre um dos negócios com o qual ele mais se preocupava, sua paixão cresceu. “Temos amigos aqui que são artistas *incríveis*”, ele disse. “Chamam-se Jalia e Daniel Matovu. Mandamos várias caixas com as mercadorias deles lá para casa e tentamos criar um mercado para eles durante nossas visitas. Mas percebemos que essa tentativa exige uma atenção muito maior, se for mesmo para dar certo. A mãe de Downie ainda está com duas caixas: bolsas, echarpes, joias, esse tipo de coisas. Vocês não estariam interessados em vendê-las?”

Downie continuou, me pondo a par de Jalia e Daniel, explicando que a venda de seus produtos feitos à mão era a única coisa com a qual podiam contar, semana a semana. “Eles estão decididos a usar sua arte para obter seu sustento e de seus filhos e, eventualmente, esperam, o de sua família estendida e amigos”, Downie disse. “Acho que eles são o futuro de Uganda, mas, neste exato momento, mal conseguem comida para colocar na mesa...”

Escutei com atenção, acenando com a cabeça enquanto esse casal persistente, mas com dificuldades, despertava algo profundo em meu coração. Desde minha época com a Food for the Hungry, estava convencida de que um bom trabalho era a maneira mais segura e digna de dar condições para uma família sair da pobreza. Essas pessoas, Jalia e Daniel, pareciam ter uma relação comigo. Afastei este pensamento, não acreditando, de fato, que algum dia teria um papel em sua história.

Depois daquela viagem, Joe e eu voltamos para casa revigorados, plenos com a perspectiva e a vontade de adotar. Não tínhamos certeza de que a Uganda fosse o lugar onde encontraríamos nosso filho,

mas continuávamos com a certeza de que a adoção internacional era o nosso caminho. Nossas pequenas economias forneceriam os meios; agora era hora de pesquisar a maneira.

O que não havíamos previsto (mas talvez devêssemos) era que, no mês seguinte, a bolha imobiliária estouraria com a chegada da recessão. Aquelas economias para adoção da qual nos gabávamos? É, elas começaram a pagar a conta do supermercado. Na pior das hipóteses, Joe e eu possuíamos cinco casas, uma delas em que estávamos morando, e quatro que precisávamos vender. Três delas não davam sinal de que seriam vendidas. Muito estressante, para dizer o mínimo. Joe e eu começamos um jogo de xadrez com nossos cartões de crédito, e até hoje me lembro da expressão do meu marido cada vez que ele entrava no nosso quarto, no dia de compras. Baixinho, ele dizia: “Hoje, use o Mastercard e não o Visa, ok?”.

Foi uma época difícil para nós, financeiramente e em outros aspectos. Nas noites insones, eu ficava acordada imaginando se nós quatro teríamos que nos mudar para a casa dos meus pais. No entanto, com a realidade do mercado imobiliário, jamais venderíamos nossa casa, e tudo isso ficava dando voltas na minha cabeça. Um dia, Joe me telefonou quando estava voltando para casa, depois de, supostamente, ter fechado um negócio imobiliário, o único em meses.

“Ela deu para trás”, ele disse. “A cliente estava muito preocupada de que a casa perdesse valor”.

O desespero me levou a dar um Google: *O que fazer quando Deus te encaminhou para uma adoção internacional, mas você não tem dinheiro*. Não surgiu nada de útil.

Bom, talvez eu não tenha pesquisado exatamente isto, mas de fato comecei a sondar a internet, decidida a descobrir algum tipo de orientação. No prazo de um mês do começo desse processo, aconteceram duas coisas que só posso explicar como cutucadas divinas. A primeira foi um e-mail enviado por um amigo que tinha acabado de voltar de Ruanda, depois de uma entrevista para um trabalho

na International Justice Mission. *Um passarinho me contou que você está pensando em adotar*, ele escreveu. Continuou, dizendo que, durante a viagem, tinha conhecido uma mulher, Jennifer, que vivia em Ruanda. Ela tinha acabado de adotar seu filho e queria começar a facilitar adoções para famílias americanas.

A segunda cutucada me pareceu ainda mais precisa. Eu pesquisava na internet informações adicionais relacionadas à adoção em Ruanda, e um dos primeiros resultados de busca que consegui foi o de uma tal Austinite, que tinha adotado um garotinho de Ruanda havia meses. Intrigada com sua história, cheguei a ela por meio do seu site, para ver se ela poderia me dar alguma orientação. *Devíamos nos encontrar*, ela respondeu. Ao marcar a data na minha agenda, decidi olhar seu blog com mais atenção, e ao escanear sua página “About Me” [Sobre mim], reparei no seu nome de solteira e vi sua foto. Meu queixo caiu. Aquela mulher não me era estranha, tinha sido minha colega de quarto na faculdade. A cutucada passou a ser mais uma espécie de empurrão. “Talvez *Ruanda* seja o local”, eu disse a Joe.

Àquela altura, eu sabia que, para custear nossas despesas com adoção, Joe e eu teríamos que recorrer economicamente à família e aos amigos (hipótese que me mortificava) ou eu teria que começar alguma espécie de trabalho alternativo.

Procurei Downie, em Ruanda, via mensagem de texto.

“Afinal, estou interessada em vender aquelas mercadorias”, disse-lhe, e em pouco tempo estava viajando de carro até San Antonio, para pegar aquelas caixas de produtos ugandenses, vibrantes, feitos com contas. Ao mesmo tempo, contatei todos os amigos residentes em Austin e os convidei para o meu primeiro bazar. Ali, eu venderia os produtos feitos à mão de Jalia e Daniel, muitas roupas do meu próprio closet e jogos extras dos meus pratos, na esperança de avançar no objetivo de levantar fundos para a adoção.

No dia do evento, senti um medo adolescente crescer dentro de mim. Fui, subitamente, tomada pela convicção de que aquilo tudo

não passava de um grande erro. Estava certa de que ninguém viria e, depois, me perguntei o que as pessoas pensariam, caso viessem. O quarto de hóspedes estava com roupas até o teto, os pratos da minha avó forravam a lareira, e fileiras de contas de papel estavam dispostas na mesa de jantar. E se ir atrás desse sonho fosse uma perda de tempo? Quase cancelei imediatamente, porque o medo da rejeição e do fracasso era óbvio. Em vez disso, me sentei na sala de visitas e juntei coragem, mesmo que ela fosse imperfeita. Decidi, simplesmente, seguir, mesmo com medo.

Eu não fazia ideia de que, naquela noite, estaria dando início ao que seria a maior companhia mundial de comércio justo de adereços. E que, em apenas cinco anos, a Noonday Collection seria considerada pela *Inc. Magazine* a 45ª empresa de mais rápido desenvolvimento nos Estados Unidos. Ou que, dois anos depois, eu estaria em um palco, ao lado do meu então sócio empresarial, Travis Wilson, para receber o prêmio Ernst & Young Entrepreneur of the Year (Empreendedor do Ano da Ernst & Young), homenagem compartilhada com John Mackey, da Whole Foods, entre outros.

Meus medos devem ter surgido aos montes naquela noite, mas, felizmente, o mesmo aconteceu com as minhas amigas, bem como com as amigas das amigas, convidadas por elas. Elas vieram por se importarem com nossa nova jornada a caminho da adoção internacional e depois que estavam em minha casa, cercadas por todos os produtos africanos, sentiram-se profundamente atraídas pelas interseções entre moda e impacto, estilo e história, trabalho e dignidade, lucro e propósito. Após uma hora de evento, fiquei surpresa ao descobrir que havia vendido mais de noventa por cento de tudo o que eu tinha.

Quando os últimos convidados saíram com suas compras, me perguntei se não haveria algo nesse conceito. Depois daquela noite, comeci a sonhar mais alto do que antes. Os produtos eram diferentes, a história por trás era convincente, a brecha no mercado era óbvia e o poder das mulheres se juntando em apoio mútuo, cara a cara,

era real. Na verdade, a Noonday existe porque mulheres compareceram para me ajudar naquela noite modesta em nossa casa. Encorajada por tal apoio, decidi verificar aonde aquele caminho me levaria.

Aquele primeiro bazar levou a outro e mais outro depois desse. Eu não tinha cartões de visita nesses primeiros eventos, então, anotava meu nome e o número do meu telefone em *post-its* amarelos, entregando-os a qualquer pessoa que mostrasse interesse em organizar seu próprio bazar.

Conforme o dinheiro foi entrando – quinze dólares por uma pulseira, trinta por um colar, vinte por uma echarpe, tudo apenas em dinheiro – contatei diretamente Jalia e Daniel, em Uganda, via e-mail, encomendando mais produtos. Joe e eu nos viramos para criar uma conta da Western Union para transferir dinheiro para eles, enquanto Jalia e Daniel se viraram para descobrir como encomendar matéria-prima, precificar suas peças e vendê-las para mim. Ao final de cada bazar, eu encomendava um estoque novo, exatamente do que eu tinha acabado de vender, e me ocupava em agendar meu próximo bazar, onde faria tudo de novo. Era um processo bem despojado, mas o que me faltava em infraestrutura, eu compensava em motivação.

Ao longo desses últimos sete anos, meu “negocinho de bijuterias” floresceu em uma próspera marca global de venda direta, que emprega mais de 4000 negociantes Noonday, nos Estados Unidos, e mais de 4500 parceiros artesãos em 20 países ao redor do mundo. Jalia e Daniel, que inicialmente viviam com menos de dois dólares por dia, agora pertencem à classe média de Uganda e empregam mais de trezentas locais, muitas das quais são mães solteiras.

Mais próximo de casa, a adoção do nosso filho Jack foi concluída, e ele agora é parte oficial da nossa família. Aos oito anos de idade, aquele menino cuidadoso e energético é um lembrete diário para mim do valor da coragem e da escolha de dizer sim aos grandes sonhos, mesmo quando o medo está batendo à porta.

Até começar essa trajetória Noonday, eu sempre igualava *coragem* à palavra *destemor*. Na minha cabeça, coragem descrevia

pessoas como Martin Luther King Jr., que mobilizava uma multidão sempre que falava, apesar do perigo que a mobilização, inevitavelmente, atraía; bombeiros que correram para dentro das Twin Towers, em 11 de setembro, enquanto todos corriam para fora; mulheres que largaram seus maridos abusivos, sem ter ideia do que aconteceria a seguir. Coragem era *isso*, eu me dizia. No dia em que seguimos em frente com o processo de adoção, apesar do que dizia nossa conta bancária, ou na noite em que abri minha casa, para que, provavelmente, ninguém viesse, ou no dia em que empenhei minhas joias, não me senti uma heroína. E, no entanto, com o coração batendo na boca e as mãos trêmulas, aceitei o risco e segui em frente. Eu simplesmente fui, mesmo com medo.

A coragem imperfeita é o único tipo de coragem que eu possuía, mas, ainda assim, era coragem. Em vez de esperar o medo diminuir, fiz dele meu amigo. Porque quando você tem uma visão, não dá tempo de esperar que seus medos sumam, antes de começar a se mexer. Talvez a jornada do herói não seja para algumas pessoas corajosas, afinal de contas, mas é um convite para mim, para todas nós juntarmos nossa coragem e partirmos para fazer aquilo que estamos fadadas a fazer. Esta transformação alucinante – de deixar que o medo coloque você de lado, para escolher seguir em frente mesmo com medo – é o que lhe desejo. E, portanto, minha amiga, assim é meu livro: um livro de memórias em forma de mapa, para nos levar daqui para lá.

Vamos fazer isto em três partes, porque todas as melhores coisas vêm em três: Corona, sal, limão; manhã, tarde, noite; localização, localização, localização. Na parte 1, vamos realizar um tipo de avaliação interior, essa tarefa dolorosa, mas fundamental, que traz coragem para dentro das nossas vidas, de dentro para fora. Do que você tem medo e qual o preço desse medo para sua vida? Não estou aqui para lhe dizer para parar de ter medo; em vez disso, este livro é um guia para *seguir mesmo com medo*, não esperar que seus nervos e sua audácia se reconciliem. Mesmo assim, se decidirmos *ir*, temos que entender as coisas que estão nos segurando.

Na parte 2, exploraremos as maravilhas do companheirismo, bem como os perigos de seguir sozinha na nossa busca por uma vida que faça diferença, tanto para nós mesmas, quanto para um mundo em necessidade. Se você for do tipo cavaleiro solitário, vai detestar a parte 2, mas escute: não pule essa parte. Ela traz a chave que destrancará seu medo e lhe dará o poder para seguir em frente.

Por fim, na parte 3, eu pego meu apito de treinadora, acordando você, colocando você no jogo, insistindo (mas de um jeito encorajador) que você *traga tudo o que tem*, para essa vida que lhe foi dada, para produzir um impacto significativo em outras pessoas.

É hora de dar uma chance àquilo que faz você despertar para a vida, àquilo que você anda esperando a coragem para fazer.

PARTE UM

O PRIMEIRO PASSO

UM

ESCOLHA CORAGEM

*Coragem é estar morrendo de medo,
mas ainda assim selar o cavalo.*

John Wayne

É o verão de 2017, e nosso grupo acabou de chegar em Uganda, voltando ao lugar onde toda a Noonday Collection começou. Ouço a batida dos tambores à distância, e meu coração entra no ritmo dos percussionistas. Nosso grupo veio de todos os cantos dos Estados Unidos; empreendedoras sociais – na Noonday elas são chamadas de embaixadoras – que conseguiram algumas metas marcantes em vendas para chegar a este momento e, finalmente, colocar um rosto nos nomes dos artesãos que conhecem apenas por fotografias. A natureza surreal do momento me atinge no momento em que descemos da *van* na estrada de terra batida que leva às oficinas de adereços. É um percurso que, há sete anos, eu não poderia ter imaginado encolhida no meu quarto de hóspede, com nada mais que um punhado de colares feitos com contas de papel.

Esgueiro-me por trás do portão antes do restante do meu grupo e sou recebida por uma enxurrada de abraços apertados, saias farfalhantes e risadas felizes. Conforme as embaixadoras surgem e são envolvidas nesse desfile comemorativo, digo a elas que resistam à vontade de pegar seus celulares e fotografar. “Apenas se façam presentes!”, insisto, erguendo a voz acima da música. Não quero que percamos um centésimo de segundo desta experiência.

Enquanto percorro os rostos familiares dos meus amigos artesãos – Mama Sham com seu sorriso absurdamente luminoso, Bukonya sempre com ar brincalhão no rosto, Latifa com seu sorriso ansioso, Caleb com seu aperto de mão vigoroso, Rosetta com o cabelo recém-cortado, Mama Jabal com um lenço sempre na cabeça

e Nakato com a expressão tímida –, penso na longa jornada que trilhamos todas juntas. Sete anos atrás, eu não podia me imaginar começando um negócio que promoveria uma sororidade global. Meu pequeno negócio de adereços se tornou maior do que um dia pude sonhar.

Depois do primeiro bazar, as coisas realmente decolaram; as mulheres demonstraram um crescente interesse, fiz inúmeros outros bazares, e o negócio despontou como algo *real*. Passados alguns meses de trabalho, a demanda aumentou não apenas em Austin, mas em outras cidades pelo país. Comecei a sonhar com como seria exercer essa atividade com outras pessoas impactadas pela fome, como eu. Deduzi que se eu pudesse me multiplicar, então os negócios também se multiplicariam. Estava determinada a verificar se estava certa. Mas antes de ter uma chance de começar a recrutar, recebi um e-mail de uma mulher em Seattle, que tinha ouvido falar na Noonday por meio do *blog* de adoção de outra mãe. Ela escreveu:

Meu nome é Sara. Estou interessada em fazer um bazar da Noonday, mas também gostaria de saber se seria possível fazer mais do que isto. Estou interessada em trabalhar com a sua empresa para organizar bazares da Noonday na região de Seattle – ter uma renda para a adoção da minha própria família, ajudar outros a levantar fundos e fazer diferença na vida das mulheres de Uganda e ao redor do mundo. Como você, tive a oportunidade de viajar e de ser voluntária em vários lugares, tais como Argentina, Guatemala e Paquistão. Sou apaixonada pelo modelo de negócios que não se limita ao lucro e ficaria animada em trabalhar com a sua empresa.

Você estaria interessada em conversar mais a respeito disso?

27

Bom, é, estaria...

Sara e eu começamos a trocar e-mails, explorando um modelo de compensação para esse acordo repentino, e, em cerca de dois meses, ela se tornou a primeira embaixadora da Noonday Collection, organizando o primeiro bazar da Noonday fora do Texas.

Minha visão estava começando a se espalhar, e, logo, mais mulheres se dispuseram a abrir seu próprio negócio Noonday. Sem perceber, elas tinham se tornado as primeiras embaixadoras oficiais da empresa. Nos sete anos seguintes, a Noonday Collection cresceria a ponto de incorporar parceiros artesãos na Guatemala, na Etiópia, no Quênia, em Ruanda, no Equador, no Peru, na Índia, no Vietnã, no Nepal, no Afeganistão e mais; acrescentaríamos embaixadoras em cada estado dos Estados Unidos e venderíamos quase dois milhões de acessórios, encaminharíamos mais de seiscentos mil pedidos e levantaríamos mais de meio milhão de dólares para famílias adotivas, por meio de bazares para angariar fundos de adoção, que continuamos a organizar até hoje.

Em Uganda, enquanto vejo minhas amigas artesãs dançarem, reflito sobre como Jalia e eu estávamos esperançosas, sete anos antes, em relação às possibilidades dessa pequena empreitada; contudo, eu estava ciente, então, que cada uma de nós tinha assumido sérios riscos para que essa empreitada se realizasse. Embora a ideia tivesse ganhado força, para falar a verdade, a maior parte do tempo eu me sentia profundamente incapaz de assumir a liderança. Embora estivesse apaixonada pelo sucesso do meu negócio, continuava com muito medo. Imaginava se o resultado seria um fracasso ou um sucesso e passava muitas noites acordada, me preocupando com as duas possibilidades. O fracasso significaria a perda do ganha-pão e, talvez, um desperdício de todo aquele tempo e esforço. O sucesso significaria mais responsabilidade e uma mudança dramática na

28

maneira como eu empregava meu tempo – menos Play-Doh e mais PowerPoint. Será que eu era realmente qualificada para tocar uma empresa global? Meu currículo respondia com um enfático não. Seria capaz de ser uma mãe cuidadosa e atenciosa e, ao mesmo tempo, comandar a empresa?

Durante esse período de incerteza, do outro lado do mundo, Jalia também tinha feito um ato de fé em nossa parceria, contratando seus primeiros funcionários, todos eles pessoas que viviam em extrema pobreza e cujo sucesso eu me sentia responsável. Era dolorosamente claro para mim que, se eu falhasse nessa empreitada, haveria mais coisas em risco do que apenas meu sucesso pessoal. Em momentos de desespero, esse único pensamento me impediu de desmoronar. Ele alimentou minha sincera crença e reforçou minha determinação de que nada me impediria de construir aquilo que eu estava criando, nem o desespero financeiro, nem a exaustão de ser (até então) “mãe de duas crianças com menos de três anos”, nem o cinismo da venda direta, nem *qualquer* tipo de probabilidade desfavorável. Se era para eu fazer aquilo, não dava para esperar que meus medos se dissolvessem. A coragem me colocou contra a parede e acabei por aceitar seu desafio, independentemente de qual pudesse ser o custo disso.

Um dos meus pensadores e mentores preferidos, Andy Crouch, tem um ditado que minha família adotou: “A única coisa que o dinheiro pode comprar é plástico-bolha”¹. O sentimento de Andy é dirigido, sobretudo, a norte-americanos, que, tendo nascido aqui, estão entre os mais abastados do mundo. A opulência e o privilégio podem ser usados para fins incrivelmente bons – e espero que no final deste livro você tenha despertado para o poder que seu privilégio pode exercer – mas também pode nos isolar das melhores (e piores) coisas que a vida pode nos apresentar. Sei que ter nascido em um bairro

abastado, de pais brancos e com recursos, com certeza me afastou da realidade do racismo, da pobreza e das injustiças enfrentadas por muitas pessoas em todo o mundo, diariamente. Por mais que Joe e eu estivéssemos nos sentindo quebrados durante nossa derrocada imobiliária e durante o percurso de adoção, não estávamos vendendo nossa tão preciosa Bíblia encadernada para conseguir dinheiro para a única refeição que nossa família teria naquela semana, algo que Jalia e Daniel tiveram que fazer uma vez.

Sempre fui apaixonada por *seguir em frente* na vida – sair da minha zona de conforto, avançar em meio aos meus temores, *seguir mesmo com medo*. E, no entanto, até eu reconheço que existem inúmeros benefícios em ficar parada: conforto, segurança e sofás aveludados, para citar alguns.

Veja a Netflix, por exemplo. Existe algo mais gratificante do que se enfiar em um sofá confortável, o controle remoto em uma das mãos, o *smartphone* na outra, assistindo à maratona de *Friday Night Lights* e dando uma olhada nos *feeds* da sua rede social? Conforto. Proteção. Segurança. Concordância. Chame isso de “o canto da sereia da poltrona reclinável”. Quando estamos sentados, é impossível cair, você não concorda? Meus próprios filhos, por mais que possam ser propensos a se acidentarem, nunca quebraram um braço vendo TV.

É tentador embrulhar nossas vidas num plástico-bolha. Camadas e mais camadas de proteção significam que permaneceremos inteiros até o final. Nós nos embrulhamos em medo, em isolamento, em taças de vinho noturnas ou em nosso querido *feed* do Instagram. Evitamos assuntos reais, que envolvam pessoas reais, que vivem no mundo real, porque *E se eu me machucar?* E, no entanto, o que esta estratégia rende para nós? Uma vida de tédio, falta de impacto, morte espiritual.

“Em meio a uma segurança nunca antes vivenciada pelo mundo”, Andy escreveu, “o maior esforço espiritual enfrentado por muitos de nós é estar disposto a nos livrar do nosso plástico-bolha”².

Sabemos que, do lado de fora da nossa casa, algo muito mais compensador está à espera. Mas em vez de irmos atrás dos desejos do nosso coração, gastamos nossa energia num modo de defesa, tentando evitar decepções, traições e dores. Algo em nós se agarra a esses lugares de segurança e dificulta que fiquemos em pé, mesmo que algo mais profundo dentro de nós deseje se levantar para finalmente progredir.

Aqui no sofá, você e eu, é impossível darmos um passo em falso. É impossível quebrarmos um dos membros aqui. É impossível nos envergonharmos.

E, no entanto... (Aqui é onde eu posso, gentilmente, puxar aquele seu cobertor confortável.) Bem lá no fundo, sabemos que fomos feitos para algo a mais.

Minha motivação inicial para escrever este livro dependeu de uma única ideia: Tem um mundo todo lá fora implorando para que usemos a oportunidade que nos foi dada para criar oportunidade para os outros, de modo que nós – *todos nós* – possamos florescer. Assim, embora o conforto possa acenar para nós, escolher a coragem sempre será a estrada para o impacto.

Quando saímos pela primeira vez da nossa zona de conforto para abraçar nosso mundo expandido, uma pequena, mas significativa, revolução acontece dentro de nós, uma vez que injustiças, antes invisíveis, se justapõem à realidade do plástico-bolha. Mesmo agora, quando relembro o dia em que meus olhos adolescentes se abriram, pela primeira vez, para a dura realidade enfrentada por tantas pessoas em nosso mundo, consigo sentir novamente o peso disso me atingindo, como se eu estivesse mergulhando em água gelada depois de ter passado toda a minha vida confortavelmente aquecida.

Quanto eu tinha 15 anos, me inscrevi como voluntária em uma viagem ao Quênia, com a minha igreja. Ali, no leste da África, eu testemunharia os obstáculos enfrentados por muitas pessoas vivendo na pobreza e veria, sob nova perspectiva, a quantidade de recursos que eu tinha à minha disposição. Quando cresci, muitos adolescentes ganhavam carros novos no 16º aniversário, amigos passavam os finais de semana dirigindo em seus 4×4 pelas fazendas que tinham sido herdadas, por gerações, no Texas, e a vida transcorria em torno dos eventos sociais da Fiesta de San Antonio. Era

algo muito diferente do que eu via no Quênia. Meu mundo estava prestes a ser abalado.

Quando o grupo da minha igreja aterrissou em Nairóbi, assimilei a cidade agitada. Em meio ao ambiente atordoante, destacou-se para mim a imagem de uma mulher, sendo impossível não perceber o contraste dos seus olhos vivos. Tendo como pano de fundo uns barracos empoeirados e puxadinhos com telhados de metal ondulado, um por cima do outro, até onde a vista alcançava, havia um conjunto de prateleiras de madeira improvisadas, mantidas firmes por galhos de árvores serrados que sustentavam uma lona bem gasta. Colocados precariamente nessas prateleiras, mas com firme propósito, haviam cestos de frutas e vegetais – tomates, bananas, abacates, mangas, batatas e repolhos –, seus tons vibrantes chamando minha atenção.

Uma das minhas amigas quenianas me explicou que aquela mulher era uma nova comerciante e que sua barraca movimentada se tornara viável mediante a um empréstimo de microcrédito que ela tinha recebido há pouco tempo. Obviamente, seu marido, um homem abusivo que bebia qualquer ganho que trouxesse para casa proveniente de bicos, não estava sustentando os filhos. Então, ela decidiu agir por conta própria. Imediatamente, senti-me inspirada pela atitude daquela mulher. Embora nossas vidas e motivações fossem muito diferentes, eu também tinha um comichão empreendedor. Das barracas de bijuteria que montei quando menina, onde vendia minhas bandanas-tiara, feitas à mão, e brincos, aos simples acampamentos de um dia que promovi durante o *junior high*, em meu bairro, para alunos do ensino básico, sempre me senti atraída pela ideia de multiplicar quaisquer recursos que tivesse em muito mais. E aquela mulher pegou o que lhe havia sido dado e estava lidando com aquilo da melhor forma, transformando simples frutas e vegetais em empoderamento econômico.

Aos quinze anos, eu não teria acreditado se me dissessem que, um dia, eu voltaria àquelas mesmas ruas, adulta, oferecendo

oportunidades empreendedoras para outras quenianas que moravam em favelas. O fato de a Noonday atualmente ter parceria com 85 talentosos trabalhadores de metal em Nairóbi é um dos mais doces acasos que já conheci. E é um maravilhoso lembrete de que você e eu podemos lançar mão dos recursos que recebemos e investi-los para o bem neste mundo. Sim, tais investimentos terão um custo: conforto, segurança, controle, mas o impacto não resulta de quem se instala no sofá, certo? Ele vem daqueles com coragem imperfeita, que escolhem seguir mesmo com medo. Da mesma maneira que uma criança aprende a andar andando, conseguimos caminhar com *coragem* apenas quando ficamos em pé e *caminhamos*.

DOIS

LEVANTE-SE

*Às vezes, o lugar com o qual você está acostumada
não é o lugar ao qual você pertence.*
Katende, em *Queen of Katwe*

Apesar de uma conta bancária decrescente e várias casas sem vender no mercado, Joe e eu entramos de cabeça na adoção internacional. Sabíamos qual seria o resultado: nosso terceiro filho. Só não sabíamos como íamos custear esse desenrolar dos acontecimentos. Imagine que fé seja isso, e, para nós, exercê-la era tão empolgante quanto apavorante.

No final, o dinheiro apareceu sob a forma de faturamento da Noonday e cheques generosos de amigos que desejaram apoiar nossos esforços de adoção, e agora nos encontrávamos em Ruanda, prontos para finalizar a adoção de Jack. Quaisquer que fossem as preocupações que tínhamos em relação às finanças ou à logística foram eclipsadas pela única peça que faltava no nosso quebra-cabeça de aumento da família: obter uma decisão oficial de um juiz do país. Obviamente, não éramos o único casal a desejar essa declaração; na manhã em que nos apresentamos nas modestas dependências do juiz, fomos conduzidos ao escritório quente e pouco iluminado junto com seis outras famílias, nossos estômagos se revirando, todos nós temendo adiamentos.

A sensação de medo que nos acompanhou tinha nos seguido o tempo todo. Um ano antes, recebi um e-mail de Jennifer, minha intermediária na adoção, que se tornou minha amiga, dizendo: *Jessica, ainda não tenho todos os detalhes, mas você precisa despachar sua papelada ruandesa... Já.*

É claro que as autoridades responsáveis de Ruanda decidiram recusar todos os novos requerimentos de adoção, e, assim, todos

os pedidos que não fossem recebidos em 48 horas seriam negados. Quando esses dois dias tinham passado, a nova decisão entraria em vigor, e as famílias que não tivessem conseguido se virar com a rapidez necessária ficariam segurando apenas seu formulário de adoção de 2,5 cm (o que os pais adotivos conhecem como *dossiê*) e uma esperança não realizada. Pior ainda, as crianças à espera de famílias teriam que continuar esperando.

“Temos que ir até as autoridades em Austin, e, em seguida, ao gabinete de Clinton (Hillary, então secretária de Estado), em Washington”, expliquei freneticamente a Joe, quando ele perguntou o que *despachar* implicaria. Precisávamos de assinaturas, montanhas de assinaturas, confirmando isto, autenticando aquilo, aprovando nosso requerimento por completo, mas segundo o que escutávamos das pessoas que estavam por dentro, nossas chances eram mínimas.

“Washington também está recusando a papelada”, Jennifer nos contou. “Eles estão sobrecarregados, assim como todo mundo. Não sei se vão aceitar seu dossiê, mesmo que seja entregue pessoalmente.” Com esta notícia, lágrimas escorreram pelo meu rosto. Joe e eu já tínhamos investido demais: orações, tempo, dinheiro e coração... Tudo terminaria assim?

Joe é tão firme quanto possível; nunca se irrita, raramente é impulsivo, quase sempre é equilibrado, sobretudo quando o risco é alto. Olhou para mim com um olhar determinado e disse: “Então vamos pra Washington. As coisas aqui estão sob controle, *babe*.” E, com isso, veio uma onda de esperança.

Em uma hora, eu tinha colocado nossos dois pequenos dentro do carro e corrido até o centro de Austin para conseguir assinaturas específicas em linhas pontilhadas, enquanto Joe comprava uma passagem de última hora para Washington, para que eu também pudesse solicitar assinaturas de autoridades de lá. A adrenalina disparou enquanto eu me apressava naquele dia e manteve meus medos à distância. Mas quando, finalmente, entrei no avião para Washington, o medo veio e me encarou diretamente.

Fazia anos que eu não pegava um táxi sozinha, então liguei para uma velha amiga para ver se ela poderia me dar uma carona do aeroporto. Senti medo de viajar de táxi sozinha. Entrei no metrô de Washington e tive certeza de que nunca descobriria a estação certa para descer. Uma mulher ao meu lado percebeu minha ansiedade e me ofereceu ajuda. Acabou me levando até as repartições governamentais certas. Ao chegar, tive certeza de ter perdido a chamada do meu número. O medo sempre parece surgir nos momentos mais inoportunos. *Apenas foque na próxima coisa que você precisa fazer*, disse a mim mesma. *Um pé na frente do outro, um passo de cada vez. Fique parada. Mexa-se. Continue andando, Jessica... Continue andando mesmo com medo.*

Por fim, cheguei à embaixada de Ruanda munida de algumas frases em quiniaruanda e algumas delícias da loja virando a esquina (porque se você vai pedir um favor para alguém, uns *donuts* nunca caem mal). Havia várias outras famílias ali, pessoas esperançosas que também tinham saltado para dentro de aviões, para entregarem suas papeladas. Conversei com várias delas, escutando suas histórias, desejando que tudo desse certo, mas, sinceramente, minha atenção estava fixa em uma coisa: será que eu e Joe conseguiríamos adotar?

Depois de um dia todo acampada na embaixada, os funcionários de lá me disseram que tinham carimbado nossos documentos e que, milagre dos milagres, logo eles estariam a caminho de Ruanda. Soltei o mais longo suspiro de alívio enquanto distribuía agradecimentos a todos que eu via e fui para casa. Afastei meus medos e venci o primeiro obstáculo.

Mal sabia eu que as complicações envolvendo uma adoção internacional tinham apenas começado.

Quatorze meses depois, Joe e eu recebemos o tão esperado telefonema de Jennifer: “Você estão em frente a um computador?”, ela perguntou. “Quero apresentar uma pessoa pra vocês.” Chamamos

nossas duas crianças e contamos a ela que era hora de conhecerem seu irmão. Joe clicou no anexo que Jennifer havia nos mandado, e lá estava nosso garotinho. Com olhos em formato de amêndoa, lábios carnudos, tinham-lhe dado o nome de Jacques, e acabaríamos chamando-o de Jack, um nome de família que pertencia ao seu bisavô. Jack Honegger... Logo ele seria nosso.

Duas semanas depois dessa ligação, peguei o voo para Ruanda, para a última etapa do processo: tornar Jack legalmente nosso filho. A essa altura, a maior parte do que eu conhecia de Ruanda era por meio de um filme, de 2004, *Hotel Ruanda*, e uma pilha de livros que tinha lido, mas quando o avião tocou na terra de mil colinas, meu coração se sentiu em casa.

Jennifer me esperava, junto com Joe, que tinha viajado antes, e Norbert, o advogado ruandês que havíamos contratado. Ao receber meu abraço exagerado, ele me deu beijos ternos nas duas bochechas. Na maior parte do tempo, Joe e eu ficamos em um abafado departamento do governo, abrindo mão de nossas vidas, ao que parecia. E, então, fomos até o orfanato. Finalmente, era hora de conhecer nosso menino.

O medo voltou com tudo na noite anterior ao meu encontro com Jack. *Será que essa criança vai me querer? Estarei tirando-a da sua cultura e do seu povo? Sentirei amor? Ela sentirá amor?*

Joe e eu ficamos no pátio do orfanato com as palmas das mãos suadas e o coração acelerado. A superiora das Missionárias da Caridade nos contou que Jacques estava vindo. Avistei uma mulher com hábito de freira vindo em nossa direção, segurando pela mão um lindo menininho de dois anos e meio. “É ele?”, perguntei, não querendo me aproximar da criança errada. Afinal de contas, havia outras crianças à espera. Mas aquele garotinho, de fato, era o nosso Jack.

Estendi os braços para ele, e, como ele me deixou pegá-lo no colo, pensei que meu coração fosse explodir. Toda a espera, as orações,

as renúncias, as agitações, os anseios e as noites insones... A espera daquilo tudo... O encanto de tudo aquilo, e agora ali estava aquela criança em meus braços. Mãe e filho, nascido não do corpo, mas da alma. Era estranho e era maravilhoso; pleno de uma conexão instantânea e de uma hesitante curiosidade, de certeza e dúvida. Há uma coisa, sem dúvidas, milagrosa nesse primeiro encontro entre mãe e filho nascido por adoção. Naquele dia, eu vivia um milagre.

Jack se escondeu de Joe, sinalizando que, talvez, não estivesse pronto para o abraço de um homem. Joe simplesmente colocou a mão em suas costas e então nós dois choramos, rezamos e transbordamos de gratidão e alegria.

Na manhã seguinte, nosso primeiro dia juntos fora do orfanato, fomos a um restaurante local, onde Jack se pôs a devorar uma porção de ovos destinada a um homem adulto. Sem saber que ele tinha os olhos maiores do que a barriga, simplesmente deixamos que se empanturrasse. Depois da comida, enquanto eu o erguia para o portador de bebê nas minhas costas, o garotinho despejou o almoço “grande demais para sua barriga”. Com vômito no cabelo e pingando pelas minhas costas, senti-me, oficialmente, *mãe* de Jack. Agora ele era meu, e tudo que faltava para que ele pudesse passar a noite fora do orfanato era uma declaração oficial de um juiz. No dia seguinte, Norbert nos encontrou usando a toga preta tradicional de advogado, exigida para o comparecimento em corte.

Quando o juiz entrou na sala, e com um olhar inexpressivo assumiu seu lugar atrás da mesa, olhei à esquerda e à direita, desesperada para saber o que as outras famílias, as que estavam ali pelo mesmo motivo que nós, pensavam. Será que o juiz acharia que Joe e eu éramos merecedores de cuidar de uma criança que lhe era semelhante, tinha a sua língua e a sua cultura? O juiz tinha mais de dois metros. Eu não estou lhe contando uma reinterpretação da memória; tenho foto para provar.

Nosso desorganizado grupo o acolheu, ao passo que um silêncio nos inundava como uma onda. Muitos minutos silenciosos se

passaram, enquanto eu pensava no que fazer. Alguém precisava se pronunciar, mas quem? Senti borboletas dentro de mim, enquanto refletia sobre cada uma das pesquisas sobre Ruanda que eu tinha feito no Google, antes de deixar os Estados Unidos. Aquela em que eu não tinha pensado em entrar: “Protocolo Judicial de Ruanda”. Seria apropriado para mim, uma estrangeira, e uma estrangeira mulher, nesse caso, me levantar e me manifestar, assumir a situação? Ou a resposta certa seria simplesmente aguardar com calma, sem choramingar, principalmente quando o barco pertencia a alguém tão intimidante e alto? Os riscos eram tão grandes que eu não poderia me permitir dar um passo em falso ali. Precisava de coragem e precisava dela *agora*.

Eu já havia estado nessa encruzilhada dezenas de vezes antes, minha grande boca do Texas rigorosamente silenciada pelo meu educado coração de garota sulista. Minha mãe havia me apelidado de *lo mismo*, o que significa “o mesmo”, em espanhol, por causa da semelhança que eu tinha com meu pai, um gregário bólico em forma de ser humano. Um empreendedor sempre disposto a aventuras, deduzi que meus passos seguiriam os dele. Ao mesmo tempo, minha mãe era a acolhedora pacifista da nossa casa, e uma menina não deveria seguir o exemplo da mãe? No lugar onde cresci, com certeza era isso que se esperava. Para mim, isso deveria significar me formar na *high school*, ingressar em uma república estudantil feminina e voltar para casa na época das debutantes, onde deveria comparecer a festas semanais para tentar encontrar um marido cuja carreira eu, então, apoiaria fervorosamente.

Ao conversar sobre esse assunto com minha mãe, com o propósito de escrever este livro, ela sorriu intencionalmente e me perguntou se eu lembrava como, pouco antes do meu pai chegar em casa do trabalho, diariamente, ela limpava freneticamente as pilhas de fitas, flores de seda e arame para a formação de guirlandas, daquele trabalho que ela tinha começado a fazer. Isso era feito em deferência